

O Humor de “Porta dos Fundos” e as Novas Condições de Pertencimento Religioso Contemporâneo¹

Bruno Menezes Andrade GUIMARÃES²

Resumo

O presente artigo está interessado em produções audiovisuais veiculadas na internet capazes de revelar traços da sociedade com relação a novos modos de pertencimento religioso. Especificamente, buscamos identificar como o vídeo “Agradecimento”, do canal de humor “Porta dos Fundos”, lança mão da ironia e da sátira para suscitar um debate em torno da dinâmica religiosa contemporânea. Para tal, iniciamos uma discussão acerca da pluralidade institucional e a perda da auto-evidência da instituição religiosa cristã. Em seguida, voltamos para o gênero satírico e o para o recurso da ironia como estratégias apropriadas pelo humor na tentativa de provocar um riso inquietante e até mesmo dessacralizante.

Palavras-chave: Religião, Humor, Porta dos Fundos.

Introdução

Nas últimas décadas, as formas de engajamento e pertencimento religioso passaram por modificações complexas provocadas por ideais modernos, presentes desde o século XVIII, e por revoluções mais recentes relacionados ao consumo e à satisfação pessoal, caracterizadoras de um período mais recente. De um lado, detectamos o acentuado declínio de igrejas que outrora estavam fortemente ligadas à identidade política de diversos países – e o catolicismo se encaixa como forte exemplo, tanto no Brasil, quanto nos demais países do ocidente. Por outro, o estranhamento a muitos aspectos éticos e morais vigentes nas sociedades fez com que a autoridade do discurso religioso cristão fosse repensada. Para refletir sobre o “hoje”, devemos estar atentos a uma lógica que privilegia autenticidade e experiências pessoais apregoadoras da noção

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), a ser realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Aluno de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Email: brunomenezesag@gmail.com.

de que cada indivíduo deve descobrir os próprios meios de se obter a inteireza e a profundidade espiritual.

Elton Antunes e Paulo B. Vaz (2006) apontam que a mídia não é um simples reflexo da sociedade [um espelho], mas, antes, um dispositivo que eventualmente estabelece relações de agendamento, isto é, por vezes se transforma em um lugar de visibilidade de processos e atribuição de enquadramentos específicos. Tal agendamento confere visibilidade a certos acontecimentos e reconhecimento público de determinadas práticas sociais. Dito isso, interessa-nos captar produtos e representações midiáticas audiovisuais veiculadas na internet capazes de revelar traços da sociedade com relação a novos modos de pertencimento religioso, bem como suscitar um debate em torno da dinâmica religiosa contemporânea.

Dito isso, voltamos nossas atenções para canais do YouTube que lançam mão de recursos virtuais para se posicionarem acerca da religião. Creditamos importância a análises voltadas para as diversas reivindicações em tais espaços de projeção por acreditarmos que esse fenômeno tem algo a dizer acerca da relação entre religião cristã e sociedade. Especificamente, interessa vídeos que lançam mão do humor como instrumento de crítica. De acordo com Elias T. Saliba, “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados” (SALIBA, 2002, p. 17). Então, é para esse “contraste e estranheza” que gostaríamos de dedicar as próximas páginas. Em outras palavras, interessa o papel do humor nas quebras de paradigmas religiosos cristãos da [e na] sociedade contemporânea.

Pensando nisso, o artigo busca entender de quais maneiras o discurso religioso cristão é tratado pelo humor em face de novas concepções e movimentos religiosos. Nosso objeto análise é o vídeo “Agradecimento” do canal de humor para a internet “Porta dos Fundos”. Na primeira seção, abordamos a perda da auto-evidência da instituição religiosa cristã e a conseqüente tendência que confere aos indivíduos e suas experiências no mundo uma nova condição espiritual. Em seguida, na segunda seção, voltamos para o gênero satírico e o para o recurso da ironia como estratégias apropriadas pelo humor na tentativa de provocar um riso inquietante e até mesmo dessacralizante. Por fim, analisamos trechos de falas do vídeo supracitado a fim de identificarmos em uma representação midiática traços de uma espiritualidade subjetiva.

1. A perda da auto-evidência da instituição religiosa cristã

O movimento intelectual Iluminista iniciado no século XVIII foi responsável por intensas transformações e avanços, tanto tecnológicos quanto de pensamento acerca dos indivíduos e dos papéis por eles desempenhados. O tempo passou e a dinâmica que privilegiou a razão em detrimento a um antigo regime deixou um legado significativo para as sociedades atuais, objetos de estudo de diversos pesquisadores da grande área das ciências humanas. Peter Berger e Thomas Luckmann (2004) são enfáticos ao dizer que o presente abriga sociedades marcadas por profundas crises de sentido. A visão dos autores exprime uma preocupação acerca da própria estrutura social. O motivo apontado por Berger e Luckmann (2004) – e ponto de partida de toda a discussão – está na concepção de que valores sociais comuns não são mais assegurados, tampouco atingem igualmente todas as esferas da vida das pessoas.

De acordo com os autores, a condição atual de nossas sociedades é a de um pluralismo de instituições. Tal pluralismo equivale a uma expansão de possibilidades de orientação de comportamento. Berger e Luckmann (2004) apontam que o indivíduo que cresce na sociedade pós-iluminista³ é alguém que se desenvolve em um mundo em que não há mais padrões estáticos capazes de determinar suas ações nas diferentes áreas da vida. Dessa forma, o pluralismo vai além de um conjunto de possibilidades de viver a vida vinculada a uma ordem superior de normas e valores e aponta para uma infinidade de pequenas “comunidades de vida” que clamam para si um sistema ordenado de sentido, mas que não é, obviamente, o sistema de sentido dos demais cidadãos membros de outras comunidades de vida. O que se vê hoje, portanto, é a multiplicação de formas de atuação e constituição das instituições (BERGER; LUCKMANN, 2004, 2012).

Diante da fragmentação das instituições, nenhuma interpretação ou perspectiva acerca das questões de mundo, de sociedade e de identidade podem ser assumidas como única, tampouco ser considerada inquestionavelmente correta. Essa é a base de uma sociedade pluralista, uma sociedade em que não há uma palavra absoluta. Cada

³ Aqui o termo pode ser substituído por “moderna”, “pós-moderna” ou “contemporânea” a depender do(a) autor(a) e dos objetivos de escrita.

comunidade, seja ela um pequeno grupo ou uma grande instituição, prega um modo de vida diferente baseado em suas próprias verdades, desvinculado de um valor moral universal. Aqui, fixamos o ponto de que isso pode ser visto como uma “grande libertação” por parte de indivíduos que antes se sentiam presos a normas de condutas de instituições ditatoriais.

Particularmente, interessa-nos a pluralidade institucional e a perda da auto-evidência do cristianismo [catolicismo]. O interesse consiste no fato de que dentre as instituições que se modificaram e ainda se modificam, a religião é, sem dúvida, uma das que mais experimentam condições de pluralismo. Durante séculos, o catolicismo foi responsável por estabelecer em diferentes sociedades do mundo ocidental um modo de vida que dizia sobre tudo e regia sobre uma maioria esmagadora. A ausência da possibilidade de condições pluralistas consistia no fato de que, salvo raras exceções, o mesmo Deus cristão dos antepassados certamente seria o Deus de gerações presentes e futuras. O catolicismo, porém, diminuiu de tamanho ao longo dos anos e a religiosidade cristã – a forma de entender e falar sobre Deus – passou por intensas e complexas modificações (PIERUCCI, 2008). Diante de tais modificações, o filósofo canadense, C. Taylor (2010), escreve:

Qualquer um pode ver que tem havido declínios na prática e na fé confessada em muitos países, particularmente em décadas recentes, e que Deus não está presente no espaço público como nos séculos passados, e assim por diante no tocante a um grande número de outras mudanças (TAYLOR, 2010, p. 500).

Berger e Luckmann (2004), com vistas nesse cenário, apontam que os modos contemporâneos de viver a religiosidade cristã são superficiais, não mais ancorados na rigidez dogmática coercitiva. Os autores destacam que uma expressão usualmente utilizada no contexto estadunidense no tocante ao pertencimento religioso é “religious preference” [religião preferencial], como no exemplo: “my religious preference is Lutheran” [minha preferência religiosa é o luteranismo]. Notamos, então, que no contexto atual do continente americano, a possibilidade de escolha religiosa retira dos sujeitos a necessidade de firmar um compromisso sólido com determinado credo, isto é,

implica não obrigatoriedade e indica a possibilidade de se preferir outra coisa a qualquer momento.

Taylor (2010) utiliza-se da obra da socióloga francesa D. Hervieu-Léger para refletir sobre esse processo de emancipação do sujeito no tocante a religião. Para os autores, a pluralidade institucional desloca alguns modos de pertencimento religioso. Dito isso, a centralidade dogmática da instituição religiosa cristã cede espaço para as experiências de mundo de cada pessoa. Em outras palavras, somente o indivíduo, através do ato de satisfazer seus desejos e vontades pode dizer o que é bom ou ruim pra ele, isto é, o que o faz pleno de fato [realizado] e o que realmente não o interessa. Dizer que determinada experiência é ruim “a priori” é o mesmo que minar o impulso investigativo de cada sujeito e, conseqüentemente, retirar dele o direito de ser autêntico. A espiritualidade, por sua vez, passa a dialogar cada vez mais com essas experiências pessoais, pois, para muitos, esse tipo de busca por novas sensações possui um chamado claramente espiritual, uma vez que tais sensações são capazes de conferir sentido pleno ao espírito.

Segundo Taylor (2010), a ênfase dada nos sentimentos privados faz com que a procura por questões espirituais assumam enfoques cada vez mais particulares [privatizados], desprendidos do cânone e dos discursos de líderes religiosos. Grace Davie utiliza o termo “crer sem pertencer”⁴ para caracterizar as pessoas que afirmam pertencer a uma determinada religião, mas que não estão presentes de forma ativa nas práticas litúrgicas e que não concordam inteiramente com tudo o que é pregado dentro dos templos (DAVIE apud TAYLOR, 2010). Danièle Hervieu-Léger escreve “desacoplamento de crença e prática”⁵ para se referir a esse desencaixe entre pertencimento religioso, as atribuições que tal pertencimento demanda e os ideais de diferença que a contemporaneidade exprime (HERVIEU-LÉGER apud TAYLOR, 2010).

⁴ O termo original em inglês é “believing without belonging”.

⁵ O termo original em francês é “découplage de la croyance et de la pratique”. Além disso, Hervieu-Léger também escreve “désempolement de la croyance, de l'appartenance et de la référence identitaire” para caracterizar esse padrão de pertencimento religioso muito difundido, que em português significa: desencaixe entre crença, pertencimento e referência identitária [tradução nossa].

A tendência, em contrapartida, passa ser aquela que confere a cada sujeito a possibilidade de compor a sua própria religião diante dos aspectos mais agradáveis de cada uma, ou a de moldar a ação da entidade metafísica [Deus]. O resultado é uma bricolagem que perpassa a manutenção de práticas tradicionais e faz com diferentes sujeitos abracem diferentes modos de pertencimento religioso. Para começar, com a ênfase crescente no individualismo aumenta a cada dia o número de pessoas que se dizem agnósticas, ou seja, que afirmam crer em uma entidade sobrenatural – não necessariamente o Deus cristão – mas que não se congregam em igrejas, tampouco admitem possuir uma religião específica.

Ademais, as noções atuais de pertencimento são ainda mais diversificadas. É possível encontrar pessoas que se desligaram da prática ativa, mas que ainda se declaram pertencentes a alguma confissão. Com isso, há um crescimento cada vez maior do número de adeptos a religiões não cristãs em sociedades ocidentais e a proliferação de práticas portadoras de ideais humanistas. Ainda nesse escopo, muitas pessoas adotam uma postura frente à religiosidade que até o último século era vista como insustentável: o sincretismo religioso. Trata-se, por exemplo, de alguém que se declara católico, mas não aceita todos os dogmas cruciais da religião cristã e, ao mesmo tempo, é simpática ao budismo, ao espiritismo ou a religiões de origem africanas, como o candomblé. Não afirmamos aqui que não tenha havido no passado posições como essas. O que ocorre, entretanto, é que hoje é mais fácil e menos tortuoso a alguém se entregar a esses diferentes tipos de pertencimento e praticar modos variados de espiritualidade (BERGER; LUCKMANN, 2004).

Os autores citados até o momento estão imersos no contexto europeu e estadunidense. Contudo, é possível [e preciso] olhar para novas condições e modos de pertencimento religioso também em nosso contexto. No Brasil, cotidianamente deparamos com indivíduos e práticas sociais que clamam por autonomia no que diz respeito a preceitos religiosos. Contudo, as formas de projeção e os meios utilizados para o alcance de tal autonomia precisam ser entendidos com mais clareza. Destacamos aqui uma ferramenta crítica valiosa para a consolidação da autonomia com relação à religião cristã: o humor e a provocação do riso.

2. A sátira, a ironia e o riso inquietante

Nas representações criadas pela mídia, o humor é uma característica bastante presente, percebida em personagens que vão desde o herói que salva, porém diverte ao mesmo tempo, até o vilão que pratica suas maldades habituais, mas com doses perceptíveis de humor. O francês G. Minois (2003) é enfático ao reforçar e afirmar o papel do riso irônico e satírico como uma estratégia de humor bastante utilizada hoje para constituição de críticas à religiosidade cristã. Segundo o autor:

O riso é misterioso como a liberdade e profundo como a felicidade. É por isso que ele inquieta as pessoas que se encerram na gaiola de suas certezas. O riso abre as gaiolas, e, uma vez livre, pode atacar tudo; como um tufo dessacralizante, abate deuses e ídolos (MINOIS, 2003, p. 613).

Minois (2003) aponta que a institucionalização do cristianismo possui a capacidade de “prender” os indivíduos em gaiolas ao passo que prega verdades universalizadoras. Contudo, o humor [e o riso] é capaz de abrir essas gaiolas para a exposição de outras visões de mundo. Turner (2013) dialoga com Minois (2003) e escreve que “ele [o humor] revigora nossas perspectivas ao nos apresentar formas possíveis de pensamento que a convenção, a repetição e o reforço social não nos deixam ver, e nos deixam menos propensos a aceitar as opiniões convencionais” (TURNER, 2013, p. 153). Com as citações desses dois autores em mente, caminhamos para dois modos de se provocar o riso, amplamente utilizados nos dias de hoje: a sátira e a ironia.

Os primeiros textos satíricos se consolidaram entre os gregos e os romanos. Na Grécia, o humor tipicamente satírico se desenvolveu na tentativa de tornar a sociedade e os cidadãos gregos mais críticos dentro de uma lógica de exposição de problemas através do material literário. Por sua vez, os romanos também encontraram no gênero satírico um espaço natural para consolidação de críticas e o incorporaram com uma série de particularidades. Uma vez incorporado, os romanos passaram a utilizar a sátira de modo a facilitar o diálogo e propor reflexões acerca dos problemas da época. Dito isso, é possível afirmar que os dois locais representantes legítimos do método literário da sátira são a comédia antiga grega e a própria sátira latina (MORA, 2003).

Mora (2003) afirma que o que caracteriza o humor satírico é “o caráter didático que faz com que a literatura se extravase, saia dos seus limites para afetar a realidade extraliterária” (MORA, 2003, p. 8). O humor satírico tenta, de uma forma ou de outra, deixar o espaço físico do papel, afetar o mundo real e dele – e nele – provocar um riso crítico acerca de normas, valores, indivíduos, visões de mundo específicas, tipos de governo, dentre outros. De acordo com Turner (2013), a sátira é uma forma efetiva de “balançar as estruturas, expor as fraquezas e desafiar a lógica [...] Ela provê uma forma de as pessoas verem suas suposições de outro ponto de vista ou simplesmente de descobrirem que têm suposições” (TURNER, 2013, p. 155).

Outro recurso caro ao humor é a ironia. Assim como o gênero satírico, a ironia atuou como uma força de significado preponderante no desenvolvimento da civilização europeia. Além disso, o recurso irônico foi um importante modo de expressão a partir do século XX também em diversas sociedades ocidentais. Usualmente, define-se como irônico o sujeito que diz algo quando, na verdade, queria dizer outra coisa e espera que as pessoas ao seu redor entendam não somente o que ele queria ter dito de fato, como toda a sua atitude por ter agido de tal forma. Contudo, Hutcheon (2000), está concentrado em entender mais a fundo os mecanismos irônicos e, sobretudo, porque a ironia é utilizada como estratégia discursiva a serviço do humor.

Nem toda ironia é divertida, assim como nem todo humor é irônico. No entanto, ambos envolvem relações de poder e dependem de contextos e conjunturas específicas para existir. Dito isso, são através dos modos como os interlocutores operam o dito e o não dito de acordo com o seu contexto de atuação que o riso poderá ser provocado por meio de um discurso irônico. Além disso, a ironia não existe fora de um gênero ou separada de algum outro recurso, ou seja, a ironia acontece como parte de um processo comunicativo. Não se trata, portanto, de um método retórico, estático, mas que nasce nas relações entre pessoas, intenções e interpretações.

Em outras palavras, a ironia é um processo dialógico que extrapola os modelos comunicativos mais simples. Quando nos referimos à ironia, apontamos para relações dinâmicas e plurais entre o texto [a elocução], o contexto de proferimento, o ironista, seu interlocutor [interpretador], além de todas as circunstâncias que cercam tal situação discursiva irônica. Sendo assim, a tarefa de quem interpreta uma ironia é bem mais

ampla do que decodificar e reconstruir um sentido. Por ser relacional, o sentido irônico, isto é, a dinâmica entre dito e o não dito, coexiste para o interpretador somente na interação com o ironista e com o contexto. Por esse motivo, a análise de um quadro irônico não é tarefa fácil, pois não se trata de uma simples inversão do dito, ou seja, não se trata de considerar como sentido final o oposto do que é dito pelo ironista. Há uma série de elementos importantes nesse jogo.

“É a superposição ou a fricção desses dois sentidos [o dito e o não dito plurais] com uma aresta crítica criada por uma diferença de contexto que faz a ironia acontecer” (HUTCHEON, 2000, p. 39). Aqui reside toda a peculiaridade do discurso irônico: ele remove a certeza de que as palavras significam apenas o que elas dizem e considera o que elas deixaram de dizer. Sendo assim, a ironia é um recurso que pode parecer desconfortável para alguns, uma vez que ela encobre, desvaloriza, desmente e até mesmo distancia.

A tessitura de tudo o que foi dito até o momento nos convida a olhar para uma produção midiática que lança mão de um humor satírico e irônico para, através da tentativa de provocação de um riso “inquietante” (MINOIS, 2003), compor novos sentidos, elucidar um cenário mais amplo e, principalmente, propor uma reflexão acerca das novas condições de pertencimento religioso. Com vistas a determinados conteúdos do site de exibição gratuita de vídeos, YouTube, nosso interesse consiste em analisar um vídeo do canal de humor “Porta dos Fundos”.

3. Porta dos Fundos: agradecer a que[m]?

“Porta dos Fundos” é, originalmente, uma produtora de vídeos de humor para a internet criada em março de 2012, com exibição do primeiro vídeo em agosto do mesmo ano. Hoje, é o canal de humor com mais inscritos no YouTube do Brasil. De acordo com relatos dos fundadores, a ideia inicial era a de levar para a internet um humor de qualidade e livre de censuras. Dessa forma, um grupo de jovens atores e amigos se

reuniu para pensar no roteiro e na montagem dos vídeos, todos com tônica de humor crítico e, na medida do possível, polêmico⁶.

A ideia funcionou e logo nos seis primeiros meses de existência mais de 30 milhões de visualizações foram registradas. Hoje, além de ser o canal brasileiro do YouTube mais assistido, é mundialmente o 5º canal de comédia mais influente e o 18º mais clicado em todo o mundo⁷. Atualmente, os vídeos são postados regularmente três vezes por semana e podem ser acessados por diferentes plataformas virtuais, além da disponibilidade de aplicativos para celulares e demais aparelhos eletrônicos portáteis. Com média de quatro minutos de duração, o humor questionador de temas cotidianos atrai milhões de espectadores para a internet, alguns deles engajados em comentar e expressar opinião acerca dos temas abordados.

No dia 21 de março de 2015 o canal publicou um vídeo intitulado “Agradecimento”. A produção possui mais de dois milhões de visualizações, cerca de 80 mil marcações de “gostei” e aproximadamente nove mil marcações de “não gostei”⁸. Em linhas gerais, o vídeo mostra o momento final de uma luta de boxe. O narrador da luta (Antonio Tabet) diz que o competidor Gilsinho (Rodrigo Magal) venceu o adversário Gláucio (Gregório Duvivier) por unanimidade. Então, entra em cena um repórter (Rafael Infante) para entrevistar o lutador perdedor e começa a fazer uma série de perguntas sobre o seu desempenho dentro do ringue. O humor do vídeo é constituído ao longo das respostas de Gláucio.

Com o objetivo de sistematizar a análise, optamos por extrair algumas significações das respostas do personagem Gláucio de acordo com a própria ordem que o vídeo propõe, isto é, a ordem do roteiro. De antemão, destacamos que as respostas de Gláucio estão voltadas para sua crença em Deus e para a conclusão enfática do

⁶ Dados encontrados no site oficial do canal. Mais informações em <http://www.portadosfundos.com.br/> Acesso em 29 jul. 2015.

⁷ Dados disponíveis em: <<http://goo.gl/vaf3vG>>, <<http://zip.net/bsmDT>> e <<http://goo.gl/7dxXJB>>. Acesso em 29 jul. 2015.

⁸ Até o dia 29 de julho de 2015, o número exato de visualizações do vídeo “Agradecimento” é de 2.079.287. O número de marcações positivas [gostei] é de 80.577 e de marcações negativas [não gostei] é de 8.645. Dados e link para acesso ao vídeo disponível em <<https://goo.gl/cHu0kZ>>.

personagem de que a sua derrota se deve à ausência da ajuda divina. Vejamos a primeira pergunta feita pelo repórter:

REPÓRTER: Estamos aqui com o Gláucio ao vivo, pra todo mundo. Ele que ficou favorito durante o mês, a semana, hoje mesmo... O que aconteceu pra você perder essa luta?

A pergunta é uma típica pergunta jornalística feita para atletas no fim da competição. Notemos que logo nos primeiros segundos do vídeo, é de interesse do canal valorizar a figura do personagem Gláucio como um lutador favorito. Abaixo, trechos da resposta de Gláucio a essa primeira pergunta:

GLÁUCIO: Acho que o que aconteceu foi Deus, né?! Foi o que faltou mesmo hoje. Deus estava aí fortalecendo todo mundo. Todo mundo agradeceu a ele. Mas eu mesmo não tenho o que agradecer. [...] Com certeza ele esteve aqui hoje presente, não me ajudando. Ajudando provavelmente o Gilsinho a bater na minha cara. Mas realmente o porquê eu não entendo. Porque eu sou uma pessoa que é fiel, sou dizimista, eu sou um cara que “escolhi esperar”, escolhi esperar a minha esposa, estamos aguardando. Eu tatuei Jesus aqui. [...] Pra isso? Pra apanhar pra ca*****? Na hora que eu mais preciso dele? Então realmente eu não entendi essa falta de consideração não.

O trecho acima explicita a condição atual de alguns indivíduos de optar por uma religião de acordo com necessidades individuais e com os resultados concretos que elas podem oferecer em curto prazo. Tal é a concepção de consumo arraigada nos modos de viver a religiosidade nos dias atuais. O personagem Gláucio corrobora com a tese de que muitas das práticas de pertencimento religioso na atualidade estão baseadas no interesse, uma espécie de contrato com o Deus [cristão] no qual o “fiel” recebe uma série de benefícios materiais mediante o cumprimento de dogmas e mandamentos presentes nas escrituras bíblicas e sublinhados na fala do personagem.

O humor do vídeo é satírico na medida em que se relacionam com uma realidade que extrapola os limites da tela do computador. De acordo com Mariano (1996), o perfil tanto do fiel quanto da pregação nos púlpitos de igrejas pertencentes a novos movimentos religiosos é o de relacionar a fé [crença interior] com a demonstração de atos, geralmente traduzidos na doação de ofertas em dinheiro e no pagamento regular de

dízimos⁹. A forma como os novos movimentos religiosos cristãos tratam o dízimo está interconectado com a lógica do “dar para receber”, ou seja, só é possível estabelecer uma aliança com um Deus que satisfará os desejos de alguém se esse alguém se comprometer a “pagar” por esses serviços. A maioria dos fieis não são simpáticos à expressão “pagar”, mas são enfáticos em concordar que esse é o primeiro passo para estabelecer uma sociedade com Deus. “[...] a parte que cabe aos homens consiste em pagar o dízimo, ter fé e profetizar bênçãos. A parte de Deus reside no pronto cumprimento de suas promessas das quais Ele, desde que satisfeitas as condições contratuais, em hipótese alguma pode se furtar” (MARIANO, 1996, p. 34).

O canal tensiona esse comportamento na tentativa de expor as limitações do modo como “sociedades” com Deus são feitas. A continuação do processo interacional entre o repórter e o lutador derrotado em cena endossa tal posicionamento adotado. Vejamos a seguir:

REPÓRTER: Foi muito dito que o seu jiu-jitsu não apareceu hoje. Faltou treinar luta de chão?

GLÁUCIO: Faltou Jesus fazer a parte dele. Faltou milagre. Faltou aquela voadora que eu nem sei dar, mas que de repente eu dou. Faltou eu dar de repente aquela esquivada antes mesmo de eu dar o soco. Mas como é que ele já sabia que ele ia dar o soco? Na verdade seria Jesus. Então faltou esse tipo de milagre. [...] É isso que eu tenho a dizer, porque realmente se estivesse teria me ajudado porque eu sempre fui muito fiel.

Aqui, o canal opta por trazer à tona a questão dos milagres de Jesus. Interessante notar que em nenhum momento “Porta dos Fundos” descaracteriza Jesus, ao contrário, afirma que o líder religioso cristão possui a capacidade de fazer milagres. O que é reiterado e ironizado de forma satírica na fala do personagem é a forma de lidar com milagres. Segundo o dicionário Michaelis, milagre significa “intervenção sobrenatural, fato que, pela raridade, causa grande admiração” (MICHAELIS, s/p.). Sendo assim,

⁹ A doação de ofertas e o pagamento de dízimos não são práticas exclusivas de novos movimentos religiosos, uma vez que são realizadas desde os primórdios do catolicismo. Aqui, porém, ressaltamos que as formas de lidar com o dinheiro de novos movimentos religiosos cristãos são diferentes. Relatos presentes na obra de Rolim (1987) revelam depoimentos de pessoas que se sentiram fortemente constrangidas e até mesmo enganadas nas reuniões com relação à forma como o dinheiro é solicitado e tratado.

uma ação milagrosa parte da vontade da entidade sobrenatural. O humor do canal, em contrapartida, se utiliza do gênero satírico para expor a lógica contratual de fieis que creem ser possível determinar a ação do Deus cristão – e conseqüentemente se frustram e o culpa quando tal ação não ocorre.

Em outras palavras, a representação do personagem em cena corrobora com as considerações de Berger, Luckmann (2004, 2012) e Taylor (2010) ao mostrar um sujeito que, frente à pluralidade institucional religiosa, tenta satisfazer seus próprios desejos e vontades, ancorado na religião. A partir do momento que Deus não realiza o seu desejo [vencer a luta], o personagem é tomado por um sentimento de traição e se vê impelido a colocar toda a culpa na entidade sobrenatural. Notemos que a produção é irônica e abre margem para problematizar o comportamento de pessoas que optam por colocar tudo nas “contas” de Deus. Não nos cabe analisar se os produtores e diretores do canal são ateus e desejam sufocar o cristianismo – mesmo porque cremos não ser isso possível. Todavia, notamos na fala uma significação irônica àqueles que creem ser Deus a entidade que faz a parte que cabe aos seres humanos. O “não dito” operado através do vídeo sugere que cabe a cada sujeito a responsabilidade pelos seus atos.

Vimos que o Deus que Gláucio diz crer é um “Deus” personalizado, que corrobora com os desejos e vontades de cada um, em detrimento ao Deus pregado nos púlpitos cristãos. A última pergunta feita pelo repórter ao lutador derrotado faz emergir uma significação que revela o quanto um Deus personalizado é facilmente trocado. Notemos a troca de falas:

REPÓRTER: Quais são os seus próximos passos?

GLÁUCIO: Acho que o próximo passo é procurar uma entidade que me dê mais força. Que me dê mais valor. Não sei se Buda, ou Iemanjá. Estou pesquisando ainda. Talvez Ganesha. Acho que são entidades que não vão me deixar com o rosto encostado na grade tomando cotovelada durante sete minutos.

O personagem Gláucio, após ser derrotado, assume o papel de captador do que há de bom em religiões distintas em prol de uma junção de experiências pessoais proporcionadas por cada uma delas, experiências essas capazes de elevar o espírito a um

lugar mais avançado. Podemos pegar emprestados dois termos utilizados por Berger e Luckmann (2004) para dar nome a esses sujeitos: “cavaleiros da fé” e “religiosos de nome”. Os termos se referem a pessoas que pertencem – mas de uma forma não compromissada – a uma igreja, mas que não se sentem incomodados em aproximar-se com a teologia de outras igrejas. Logo, os “religiosos de nome” ou os “cavaleiros da fé” são peregrinos constantes, pessoas que mudam facilmente de opinião e não veem problema algum nessa atitude. Inclusive, a opção de mudar de opinião é vista como um direito legítimo, assegurado e que deve ser livremente exercido mediante a vontade própria de cada sujeito, tal como apontado na fala de Gláucio.

Considerações finais

Ao longo do artigo, vimos que a espiritualidade praticada na atualidade possui fortes características de uma espiritualidade subjetiva, ou seja, com foco no “eu” e na imanência individual que experiências podem oferecer. Com vistas em um produto midiático veiculado na internet, refletimos sobre o quanto o humor é capaz de expor tal espiritualidade e o quanto tal modo de pertencimento religioso é satirizado e ironizado. A tessitura de tudo o que foi dito nas duas primeiras seções aliada à análise empírica do vídeo “Agradecimento” do canal de humor “Porta dos Fundos” ressalta, acima de tudo, um dos aspectos centrais que norteia boa parte das pesquisas em mídia e religião: o distanciamento de grande parcela da sociedade do cristianismo outrora praticado.

O vídeo analisado dá voz a uma dinâmica religiosa contemporânea complexa, na qual as próprias igrejas [e religiões] se submetem a processos que permitem crença sem pertencimento compromissado. Reiteramos que não aceitamos a premissa que a aspiração humana à religião está fadada ao declínio absoluto e à extinção de fato. Contudo, com olhares atentos à realidade, fixamos a premissa de que as possibilidades de pertencimento religioso descompromissado – tal como ilustrado no vídeo – são cada vez mais praticadas.

Porém, “crer sem pertencer” não necessariamente é uma constante no cotidiano de todos os religiosos, pelo contrário. As igrejas cristãs históricas, sobretudo as do continente europeu, têm muita dificuldade em aceitar que o perfil do sujeito religioso

contemporâneo seja esse perfil de cavaleiro andante e sem nome. Alguns ramos mais novos do protestantismo, principalmente no Brasil, também possuem a mesma dificuldade. Contudo, a noção de “preferência” de fato compõe o cenário religioso de hoje, no qual a perda da auto-evidência da instituição igreja é um fenômeno dado, apropriado pela mídia e que precisa ser levado em consideração.

Referências bibliográficas

ANTUNES, E.; VAZ, P. B. Mídia: um aro, um halo e um elo. In: GUIMARÃES, C.; FRANÇA, V. (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

HUTCHEON, L. **Teoria e política da ironia**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX**. Lisboa: Edições 70, 1985.

MARIANO, R. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. **Revista novos estudos**. N. 44, 1996.

MINOIS, G. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PIERUCCI, A. F. Secularização e declínio do catolicismo. In: SOUZA, B. M., MARTINO, L. M. S. (orgs.) **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Editora Paulus, 2008.

SALIBA, E. T. **Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop**. Viçosa: Ultimato, 2013.